

Varição e mudança no vocalismo átono quinhentista: práticas escriturais e juízos normativos.

Maria Helena Paiva
mhelenapaiva@netcabo.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

RESUMO. No prolongamento de estudo recente (Paiva 2008) sobre o vocalismo átono quinhentista, a partir da descrição de gramáticos e ortógrafos coevos, que confirmou a elevação de <a> átono, prossegue-se a pesquisa sobre a elevação do restante vocalismo átono, com base no tratamento informático dos textos metalinguísticos da época, que permitiu o exame exaustivo das grafias, em conexão com os juízos de valor expressos. Para isso, descrevem-se o *statu quo* da variação anterior à relatinização, as consequências desse movimento quer na eliminação de esquemas variacionais anteriores, quer na produção de novos, delimita-se a mudança de <e>><i> e interpretam-se grafias inabituais com <e>, concluindo-se que esse tipo de variação gráfica é uma consequência de <e> representar já [i]. Quanto a [o], a deriva unidireccional que desde a Idade Média conduz a [u], e que a relatinização reforça, está claramente documentada e suscita juízos de valor negativos que não deixam dúvidas sobre a dinâmica em curso.

PALAVRAS- CHAVE. Variação e mudança. Vocalismo átono quinhentista. História do Português. Tratamento informático.

ABSTRACT. Following a recent study (Paiva 2008) of the 16th century unstressed vowels based on the descriptions of contemporary grammarians that confirmed the raising of unstressed <a>, I continue the research about the raising of the remaining unstressed vowels based on the computer processing of the metalinguistic texts of this period, which allowed the exhaustive examinations of the writings, in connection with the expressed value judgements. In order to achieve this, I describe the *statu quo* of the variation before the relatinisation, the consequences of this movement whether on the elimination of the previous schemata of variation or on the production of new ones; I delimit the change of <e>><i>, interpret non usual writings with <e>, and infer that this kind of writing variation derived from the fact that <e> represents already [i]. Regarding [o], the unidirectional drift that since the Middle Ages leads to [u] (and with the relatinisation strengthens) is clearly documented and raises negative evaluation judgements that reveal undoubtedly the ongoing dynamics.

KEY-WORDS. Variation and change. 16th century unstressed vowels. History of Portuguese. Computer processing.

1 – Introdução

A reconstituição do vocalismo átono quinhentista exige, como primeira fase, a análise crítica das informações dos gramáticos e ortógrafos coevos, cujas descrições constituíram o tema de uma indagação recente (Paiva 2008), baseada no tratamento informático do *Corpus Metalinguístico Quinhentista* (a partir de agora, *CMQ*, descrito no anexo): o confronto entre o explícito e o implícito no plano descritivo configura um corpo de certezas, mas também de hipóteses com graus de comprovação variáveis, que por isso devem ser testadas por recurso a outros meios de informação. É essa pesquisa que se continua agora.

Como a elevação do fone átono representado por <a> é um facto incontroverso que foi amplamente confirmado, fixar-nos-emos na problemática inerente aos restantes fones átonos: quanto à vogal átona representada por <e>, há uma concentração de indícios de que esta «não é nem [e] nem [i], mas [i]» (Paiva 2008: 218); quanto ao fone átono representado por <o>, a identificação, ainda que não constante, entre «o pequeno» e [u] ou [w] por Fernão d'Oliveira, comprova, entre outros factos, que «está em curso a elevação de [o] átono», o que suscita a avaliação da amplitude desse movimento (Paiva 2008: 219).

1 – *Statu quo* e relatinização

Dado que a variação <e> ~ <i> e <o> ~ <u> átonos está documentada ao longo de toda a história do Português e se projecta no estado de língua que os textos metalinguísticos de 1536-1540 reflectem, importa caracterizá-los relativamente a essas coordenadas, antes que o movimento de relatinização altere esse quadro.

A primeira condição para que esta indagação seja possível consiste em isolar, na linha contínua da relação latim - português, o que, no plano lexical, se situa no plano da importação linguística e não no da evolução, selecção esta que é efectuada em função dos traços fonológicos que distinguem as formas semicultas e cultas das formas vernáculas; simultaneamente, se o que importa é definir o estado de língua que se designa por Português quinhentista, é indispensável isolar o que, nesse caudal, em que formas cultas e semicultas penetraram ao

longo do tempo com ritmos diversificados, pode ser considerado como importação recente, susceptível portanto de caracterizar uma época. Avaliámos por isso o grau de modernidade do léxico relatinizante incluído no *QMQ*, retendo, como prováveis importações recentes, os vocábulos não documentados com forma culta ou semiculta senão a partir do século XV nas obras de referência; assume-se assim, no plano pontual, a margem de falibilidade do critério histórico, que se dilui, contudo, no plano de conjunto (Paiva 2002, IV: 22-26).

2.1 – <e> e <i>

A variação <e> ~ <i> pretónicos e postónicos, como refere C. Maia, está atestada em período antigo, mas ter-se-á intensificado «nos textos do século XV e XVI», em consequência quer da assimilação da átona à tónica, como em *pidirõ, seguinte*, (1986: 364; 367), quer de dissimilações como *deligencia, deziã, vezjão* (1986: 421). A este núcleo de variação agregam-se outros, como o fechamento de [e] antes de palatal, como *mjlhor* e *sinurio* ‘senhorio’ (Maia 1986: 367). Noutros casos, a forma exclusiva ou predominante contrasta com o português padrão actual por apresentar <e>, em consequência de vários factos, entre os quais a proveniência de Ī, como em *fegura*, ou a variação já existente em latim, como *dereito* < DĒRĒCTUM, que coexistiu com DĪRĒCTUM (Maia 1986:422).

Este tipo de variação persiste no *CMQ*: assim, quando na tónica existe [i] ou [u], <i> poderá resultar de inflexão vocálica, como em *conhicimento* (B:1 oc.) ou *testimunho* < TĚSTĪMŌNĪU- (B, constante: 2 ocs.) ou de dissimilação, como em *vezinho* < VĪCĪNU- (O, constante: 9 ocs.), *dezia*, *deziã* (O, constante no imperfeito: 3 ocs.), *derigida* de *derigir* < DĪRĪĜĒRE (B, 1 oc.), a par de 3 ocs. com <i>); antes de palatal, *milhor* é constante em Oliveira num total de 26 ocs.

O sistema de equivalências próprio do novo estrato lexical caracteriza-se pela regularidade, de tal maneira que pode estabelecer-se uma regra: quanto mais latinizante o Autor, menos são as formas afectadas por estes fenómenos; e mesmo uma sub-regra: quando tal não acontece, há aí uma pista a explorar. Assim, de entre os exemplos apresentados, são predominantes no *CMQ*: *conhecimento* (5 ocs., num total de 7), o imperfeito do indicativo de *dizer* com <i>, como

dizia (14 ocs., num total de 17), *melhor*, cuja variação, representada no *Quadro 1*, ilustra cabalmente os factos referidos: *milhor* era com certeza uma forma muito corrente, que reflecte a realidade oral ainda hoje audível; é a única usada por Oliveira e é largamente dominante em Barros, não obstante o seu pendor latinizante, patenteado por acolher já a forma mais próxima do latim, que é quase a única documentada na segunda sincronia, o que reflecte a consolidação da relatinização no tempo, tanto mais que a única ocorrência é uma forma considerada por Leão como «errada», e «emendada» para *melhor*.

QUADRO 1: MELHOR						
	T	O	B	G	LRT	LRI
	57	26	13	6	10	2
milh-	37	26	10	-	1	-
melh-	20	-	3	6	9	2

No âmbito da relatinização, situam-se na área da mudança por importação enquanto factos de adstrato, e não na área da mudança fonética por evolução, os novos padrões de equivalência entre os grafemas latinos e os grafemas do português quinhentista impresso: enquanto na evolução histórica tradicional, o resultado de Ĩ tónico ou átomo é [e], representado na escrita por <e>, a equivalência que se estabelece agora ignora a diferença entre Ī e Ĭ, e faz corresponder a ambos <i>.

Em importações semicultas ou cultas ao latim, encontra-se raramente, pelo menos no séc. XV, a equivalência Ĭ - <e>, sem dúvida porque os introdutores dos neologismos relatinizantes intuíram por comparação a relação contrastiva e a generalizaram. Assim, *agricultura* < AGRĪCULTURA está documentada como *agrecultura* (*Livro dos Ofícios*), mas só a forma com <i> ocorre no CMQ (B: 1 oc., LRT: 1); em *artifício* < ARTĪFĪCĪUM, a pretónica está representada por <e> na *Crónica de 1344* e no *Leal Conselheiro*, enquanto o vocábulo usado por Barros, num total de 4 ocs., apresenta as duas variantes: *arteficio*: 2 ocs., *artificio*: 2 ocs.; *província* < PRŌVĪNCIA, está representado por *provencia* em Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, mas nas 6 ocs. do vocábulo no CMQ, todas apresentam <i> (B: 2 ocs., LRT: 2; LRI :2).

Fenómenos assimilatórios ou dissimilatórios e a diferença entre a equivalência Ĩ - <e> ou <i> imbricam-se, mas têm como resultado final a uniformização por aproximação da forma latina, o que pode ser ilustrado pela variação dos resultados de DĪMĪNŪĚRE, representados no *Quadro 2*, que se distribuem por três esquemas, segundo evoluções prováveis : 1) -<e> - <e>- (*deme-*), por equivalência entre Ĩ e <e>, na segunda sílaba e assimilação na primeira; 2) -<e> - <i> (*demi-*), por equivalência entre Ĩ e <i> na segunda sílaba e dissimilação na primeira; 3) -<i> - <i> (*dimi-*) por identificação com a forma latina.

O quadro evidencia que a latitude máxima da variação é a que se encontra em Oliveira, único em que está presente o esquema -<e> - <e>- , o mais distante da forma latina; a forma intermédia -<e> - <i>- está também representada em Barros em conformidade com o ecletismo que o caracteriza, mas o predomínio da forma mais próxima do latim nos dois primeiros gramáticos anuncia o futuro, expresso pela exclusividade do esquema em LRT.

QUADRO 2: DIMINUIR				
	T	O	B	LRT
	14	8	4	2
-<e> - <e>-	2			
demenuyr		1		
demenuem		1		
-<e> - <i>-	3			
deminuyr		1		
deminuidas		1		
deminuye			1	
-<i> - <i>	9			
diminuir		1		1
diminuido		2		
diminuy		1		
diminuye			2	
diminuimos			1	
diminuem				1

Diminuir ilustra uma tendência de tanto maior amplitude quanto mais se avança no tempo, e que engloba , de entre os casos anteriormente referidos, a substituição de *fegura* e *dereito* por *figura* e *direito*

; nesse caudal, em que à variação <e> ~ <i>, sucede a exclusividade das formas com <i> <Ī, integram-se as numerosas importações recentes ao latim, como, entre muitas outras, *ânimo* < ANĪMUS, *atribuir* < ATTRĪBŪIRE, *delicado* < DĒLĪCATUS, *dirigir* < DĪRĪGĚRE, *distinto* < DĪSTĪNCTUS, *estímulo* < STĪMŪLUS, *fácil* < FACĪLĪS, *imitar* < ĪMĪTARI, *ministério* < MĪNĪSTĚRĪUM, *permitir* < PERMĪTĚRE.

Na escrita, a variação <e> ~ <i> encontra-se em vias de extinção; a relatinização favorece as formas com <i>, que prevalecem, o que, numa perspectiva global, aumenta, na língua dos cultos, a percentagem dessas formas¹.

2.2 – <o> e <u>

A variação <o> ~ <u> anterior ou coeva do CMQ contrasta com a variação <e> ~ <i> por ter carácter unidireccional, no sentido de que o fonema a que as evoluções conduzem é sempre representado por <u>, tanto em posição pretónica como postónica.

O panorama geral, definido a partir do exame sistemático da questão em quatro obras de referência (J.J. Nunes 1956, E. Williams 1975, C. Maia 1986, R. Silva 1989), caracteriza-se pelos traços seguintes:

1º - Inexistência de fenómenos de dissimilação, no sentido <o> < <u> e no sentido <u> < <o>.

2º - Frequência elevada de fenómenos de assimilação de diversos tipos, tendo todos como resultado [u]: a) quando existe [ú] na sílaba seguinte: *custume* < *costume* < CONSUETŪDĪNE- ; b) antes de consoante palatal: *cunhado* < CŌGNATUS, *mulher* < MŪLIERE- ; c) antes de [i] ou [j] contíguo ou da sílaba seguinte: *muito* < MŪLTU-, *durmo* < DORMĪO, *cupro* < COOPERĪO.

¹ A análise da variação *primeiro* ~ *premeiro*, no conjunto da obra de Fernão d'Oliveira, confirma este juízo e matiza-o: o contraste entre a *Gramática* (em que predomina *primeiro* - 61,25 %, num total de 80 ocs.) e o resto da obra, não estudada exaustivamente mas em que se constatou o amplo domínio de *premeiro*, é esclarecido, por um lado, pela existência, na *Gramática*, de duas zonas compactas (*primeiro*, do início ao fl. 30, *premeiro*, do fl. 56 até ao fim (fl. 76), com uma única e elucidativa excepção); por outro lado, na zona intermédia em que as duas variantes convivem, definem-se redes de associações distintas e conotações específicas determinantes do rumo da mudança e das opções posteriores de Oliveira. cf. Paiva, no prelo: § 4. PRIMEIRO, uma encruzilhada de tendências.

3º - Incidência paradigmática, no âmbito do verbo, deste tipo de fenómenos de inflexão vocálica: *cuberto, descoberto*, a partir de *cubro*.

Uma parte das formas resultantes de assimilação está fortemente consolidada e é exterior às áreas semânticas e às esferas culturais onde o fenómeno de relatinização se desenvolve (como *muito* e *cunhado*). Mas são numerosos os casos em que é reposto <o> onde existia em latim Ō ou Ŏ: das 50 ocs. de *costume*, 47 apresentam <o>, sendo as 3 restantes, *custume*, usadas uma por Oliveira (1/37), outra por Barros (1/8) e a terceira por Leão (LRT: 1/1), o que deve ser interpretado como resultante de um hábito não só consolidado como difundido, visto que n' *Os Lusíadas*, das 19 ocs. do vocábulo, 4 são grafadas *custume(s)* (Cunha 1980); das 5 ocs. de *acostumar*, só uma é grafada com <u>, por Oliveira (*acustumamos*), mas *costumar*, que só ocorre na segunda sincronia, (5 ocs, em Gândavo, LRT e LRI) apresenta sempre <o> em posição pretónica. Ora se, anteriormente ao século XVI, estão documentadas formas com <u> nestes vocábulos, e se hoje é [u] átono que é articulado, não é admissível que, apesar do peso da tradição gráfica, tenham sido predominantemente os autores da primeira sincronia que usaram formas com <u>, se essa grafia não reproduzisse a forma oral.

Relativamente às formas decorrentes de fenómenos de analogia, as grafias acusam a expansão de [u]: em *cobrir*, num total de 7 ocs, 4 das quais arrizotónicas, 3 são grafadas com <u>: *cubrir, cuberto(s)*, em Barros; quanto aos compostos, *descobrir* e *encobrir*, respectivamente 5 e 3 ocs., só em Barros estão documentadas as formas do particípio passado *descoberto* (1 oc.) e *emcuberto* (1 oc.); exceptuando uma ocorrência de *cuberto* (55r 20), todas as restantes são metalinguísticas, e inserem-se em contextos que favorecem a depreensão de nexos formais. A relatinização manterá <o> em todas as formas arrizotónicas mas, também nestes casos, não podem subsistir dúvidas quanto ao facto de ser o fonema [u] que é representado em posição pretónica em *cobrir, coberto, descoberto* e *encoberto*.

Quanto a *cumprir ~ cumprir* < CŌPLĒRE (C. Maia 1986: 402-403), (5 ocs.), deverá ter-se em conta que a latência da forma latina COMPLĒRE pode entrar, quer a representação de [u] nas formas em que a vogal resulta de inflexão vocálica, quer a extensão analógica

às outras formas, com vogal átona ou tónica: em Oliveira encontra-se a forma que prevalecerá, *cumpre*, mas Barros usa, em ocorrências metalinguísticas, *compriste* (1 oc.) e *compre* (3 ocs.). *Comprimento* (3 ocs.: O.), *comprido* (4 ocs.: O., B., G., LRI.), *compridamente* (3 ocs.: O.) e *comprimeto* (3 ocs.), apresentam formas constantes com <o>.

A segunda grande área afectada pela relatinização é aquela em que se contrapõem <o>, resultado de Ū átono na evolução tradicional e nas formas semicultas, principalmente quando introduzidas durante o século XV, e <u>, que lhe sucede nas importações quinhentistas que se tornam dominantes e que são marcadas pela fidelidade às formas originárias. A observação do conjunto do panorama que o CMQ oferece permite constatar a existência de três conjuntos que, vistos pontualmente, não são necessariamente sucessivos, mas que perspectivados na globalidade, constituem três estádios na expansão da mudança: os extremos caracterizam-se pela inexistência de variação, o primeiro, em que Ū está representado por <o>, e o último, em que a correspondência Ū - <u> está consolidada, enquanto ponto de chegada do movimento que se revela no estádio intermédio em que convivem, como resultados de Ū, <o> e <u>.

O primeiro conjunto constitui uma sobrevivência de resultados regulares na relação latim vulgar – português ou de equivalências que caracterizaram os semicultismos do passado: assim *molher* < MŪLIERE-, de que foi acima referido o resultado com <u> por acção assimilatória da palatal, que contrasta com o quadro que o CMQ patenteia: das 26 ocs do vocábulo (O: 10, B: 11, LRT: 3, LRI: 1), todas são grafadas com <o>, à excepção de uma, *mulher*, que Leão inclui na lista de «palavras que a gente vulgar usa & screve mal» e que corrige para *molher* (LRT 71r 14). Ou ainda *arroído* < a + RŪGĪTUS (1 oc. : LRT) ou *triângolo* < TRIANGŪLUM (1 oc.: O.).

Os segundo e terceiro conjuntos podem ser ilustrados pelos vocábulos em que figuram os resultados da terminação nominal latina –ŪLUS, -A, -UM, cujo inventário e distribuição foram representados nos Quadros 3 e 4.

No Quadro 3, *capitolo*, *titolo* e *vocabolo* prolongam a tradição anteriormente atestada. Nestes vocábulos, de elevado número de ocorrências, só Oliveira usa <o> com acentuado predomínio, de acordo com a sua concepção de que as importações ao latim, mesmo

cultas, devem harmonizar-se com o que é habitual, ainda que no plano simplesmente gráfico; embora integrado na primeira sincronia, Barros, já propulsor da aproximação formal ao latim, no total das 36 ocs. dos três vocábulos, usa <o> em 7 e <u> nas 29 restantes. Nos autores da segunda sincronia são usadas exclusivamente grafias com <u>.

QUADRO 3: -ŪLUS : Ū> <o> ~ <u>

		T	O	B	G	LRT	LRI
CAPÍTULO		64	56	1			7
	capitolo	44	43	1			
	capitulo	17	10				7
	Cap.	3	3				
TÍTULO		10	1	6		3	
	titolo	7	1	6			
	titulo	3				3	
VOCÁBULO		115	21	29	15	17	33
	vocabolo	17	17				
	vocabulo	98	4	29	15	17	33

No *Quadro 4*, em que figuram todos os restantes vocábulos existentes no *CMQ* de que faz parte a mesma terminação, confirma-se a homogeneidade da segunda sincronia e a consolidação do rumo da mudança que o quadro anterior anunciava.

Difícilmente não se estabelecerão nexos mentais que favoreçam a igualdade das formas a partir da identidade ou da proximidade de conteúdos, que podem contudo ser contrariados por outro tipo de associações, como o carácter recente da importação e a maior capacidade desta de evocar o latim; daí que surjam combinações heterogéneas, como a que se documenta no passo de Barros «de cujo *titolo intitulos* a Cartinha» (1v 11). Barros usa <o> em *titolo*, forma semiculta documentada no séc. XIII que é, de resto, a grafia única que adopta para a palavra (cf. *Quadro 3*), mas <u>, em *intitular*, forma culta documentada no séc. XV.

QUADRO 4: ŮLUS > <u>						
	T	O	B	G	LRT	LRI
CÍRCULO	3			1	2	
CLÁUSULA	20		11		9	
DISCÍPULO	2		2			
FÁBULA	2	1	1			
INCRÉDULO	2				1	1
MAIÚSCULO	1			1		
MÁCULA	1					1
ORÁCULO	3		3			
PARTÍCULA	4				3	1
VÍNCULO	1				1	
VÍRGULA	3		1		2	

A quase inevitável consciência da parcial identidade das palavras *título* e *intitulamos*, e a existência em ambas de uma vogal átona, representada no primeiro caso por <o> e no segundo por <u> levanta a questão da intersecção entre relatinização e redução de <o> átono, o que corresponde à formulação da pergunta: quando a tendência crescente é para fazer corresponder a Ů o grafema <u>, grafias como *título* e *titulo* representam ainda respectivamente [o] e [u] átonos, ou deu-se já, ou pelo menos está em curso, a convergência num fonema único, que será necessariamente [u], e a variação tornou-se então puramente gráfica?

O facto de estarem documentados, em período anterior ou em textos coevos, vocábulos em que Ů está representado por <o>, mas que são grafados no CMQ exclusivamente com <u>, traduz o impulso que os gramáticos quinhentistas imprimem à tendência a eliminar a variação gráfica a favor de <u> e a consolidar a identidade entre Ů e <u>. Assim é que, relativamente aos latinismos remotos, ao núcleo derivacional de *omildade* (C. Maia, 1986: 397) <HŮMĪLITAS –ĀTIS e de *humilde* (R. Silva, 1989: 75), baseado em HŮMĪLIS, correspondem *humilde* (1 oc.: B) e *humilmente* (1 oc.: G); a *sepultura* < SEPŮLTURA, documentado no séc. XIII, corresponde *sepultura* (2 ocs.: O, B.) e a *foturo* < FŮTŮRUS, de que ainda há uma ocorrência n'Os *Lusíadas* (III, 132) a par de 9 outras com <u> (A. Cunha, 1980) corresponde uniformemente *futuro* (9 ocs: O: 2; B: 2; LRT:2; LRI: 3), embora o vocábulo seja sempre termo da nomenclatura gramatical.

Dos latinismos reputados recentes, o *CMQ* revela, como largamente dominante, a equivalência entre Ů e <u>, podendo, no caso dos verbos, a vogal ser também tónica, o que não acontece, contudo, nos casos apontados a seguir: *consultar* < CONSŮLTARE (1 oc.: LRT), *discutir* < DĪSCŮTERE (1 oc.: O), *impugnar* < IMPŮGNARE (2 ocs.: LRT), *juntura* < JŮNCTURA (1 oc.: B), *murmuração* < MŮRMŮRATIO – ŌNIS, *ocupar* < OCCŮPARE (6 ocs.: *acup-* ~ *ocup-*: O.: 2; LRT.: 2, LRI.: 2).

Mas provavelmente nenhum domínio será tão esclarecedor como o da prefixação, pela vitalidade que o processo conhece como meio de ampliação do léxico e porque são frequentes os prefixos que assumem duas formas, uma vernácula e outra relatinizante, sobrepondo-se assim dois estratos, conforme a época: o mais antigo, com <o>, e o mais recente com <u>.

Um dos exemplos mais elucidativos é o do prefixo proveniente da preposição e prefixo latino SŮB (cf. Ali 1966: 253), cuja forma vernácula *sô* é usada enquanto preposição por Oliveira - «quero que minhas obras se pubriquem sô o título de seu nome» (3 10-11; outra oc.: 59 10) – e cuja forma actual, relatinizada, *sub*, não está documentada no *CMQ*. Enquanto prefixo, os compostos apresentam variação entre <o> e <u>: internamente à mesma família lexical, como, grafados com <o>: *socessão* < SŮCESSĪO – ŌNIS (1 oc.: O) e *socessor* < SŮCESSOR – ŌRIS (1 oc.: O), mas com <u> *suced* < SŮCCĒDĒRE (4 oc.: LRT); ou internamente ao vocábulo: *suposto* < SŮPPŌSĪTUS (3 ocs) : *soposto* (2 ocs: B) , *suposto* (1 oc.: LRT.); *subjunctivo* < SŮBJUNCTĪVUS (4 ocs.), que apresenta as variantes *sojunctivo* (1 oc.: O), *sujunctivo* (2 ocs.: B) e *subjunctivo* (1 oc.: LRT); ou ainda *suprir* < SŮPPLERE (26 ocs.): *sopr-* : 11 ocs. (O: 1; B: 10); *supr-* : 16 ocs. (B: 6; LRT: 5; LRI: 5), merecendo destaque, uma vez mais, o facto de as duas variantes serem usadas por Barros.

A consciência da dupla possibilidade da composição é expressa por Leão quando, no capítulo em que se ocupa «Das letras que se dobrão nas dições» (LRT 38v e sgs), refere os compostos de «*Sub*, preposição [latina], ou a nossa *sob* [...] como *succorrer* ou *socorrer*», reafirmando implicitamente, mais adiante, a propósito das palavras «que dobrão .c.» a legitimidade das duas grafias «*succorrer* ou *socorrer*» (42r 23). Para alguém que tão firmemente adopta uma

atitude normativa e tão insistentemente pugna pela fixação da língua por aproximação do latim, a aceitação da dupla grafia indicia um acentuado grau de variação que, contudo, noutros casos não deixa de condenar, como veremos mais adiante.

A relatinização tem como consequências:

1º - A recondução ao grafema latino originário de formas resultantes de fenómenos assimilatórios (*custume* → *costume*) ou de analogia (*cubrir* → *cobrir*).

2º - A substituição da equivalência típica de formas semicultas Ũ = <o> pela equivalência própria de formas cultas Ū = <u>, e daí a coexistência, no período em estudo, de abundante variação no âmbito da mesma palavra (*capitolo* ~ *capitulo*) ou de palavras aparentadas (Barros: *titolo*, mas *intitular*).

3º - O reforço, que tende a tornar-se universal, da equivalência Ũ = <u>, e daí a substituição de latinismos remotos (*sepoltura* → *sepultura*) e a representação por <u> do fonema latino nos latinismos recentes (*ocupar*).

4º - A confluência das duas vias (vernácula ou semi-culta e culta) na produção de numerosas grafias duplas ao nível da palavra ou da família de palavras (*soprir* ~ *suprir*; *socessão* mas *suceder*).

5º - A aceitabilidade da dupla grafia em alguns casos (*socorrer* ou *succorer*) que, expressa por Leão, indicia uma amplitude disfuncional da variação.

Pode concluir-se como fortemente provável que, no âmbito da relatinização, nos numerosos casos em que há variação entre os grafemas <o> e <u>, o grafema <o> represente também ou já predominantemente o fonema [u].

3 – Delimitação da mudança <e> > <i>

Não pode confundir-se a normalização por generalização da equivalência Ĩ = <i> que se dá no âmbito da relatinização e que, dada a área sociolinguística que o movimento afecta, atinge principalmente a língua dos cultos, com a tendência, que Duarte Nunes de Leão refere e condena, para a articulação da vogal anterior pretónica como <i>:

Regra XV. Que guardemos a analogia, & ordem nos vocabulos derivados, & que não

variemos nelles. Porque dizem muitos, *rindeiro*, *vindeiro*, *vistido*, não respeitando aos primitivos. Porque se *renda* se escreve com .e. necessariamente, se *há* de screver assi *rendeiro*, que he seu derivado. E se dizemos *veste* & *vestimenta*, assi *vestir* & *vestido* & assi de *venda*, *vendeiro*. E como dizemos, *pelle*, tambem diremos *pelliteiro*, & *pellica*, & não *pillica*, nem *pilliteiro*. E assi como dizemos *pomo*, diremos *pomar*, e não *pumar*, como muitos dizem. E de *gemer*, diremos *gemido*, e não *gimido*. E como dizemos *pedir* de *peço*, diremos *petição*, e não *pitição*, *pedinte*, & não *pidinte*. E de *ferir*, diremos, *ferimento*, & *ferida*, & não *firimêto*, nem *firida*. E de *mealha*, diremos, *mealheiro*, & não *mialheiro*. E de *meço*, *medes*, *medida*, & não *midida*. E de *mento*, *mêtes*, *mêtira*, & não *mintira*: posto que tambem digamos, *minto*, & *mintes*. (LRT 57v 5-22)

Às correcções anteriores somam-se as que constam da lista «Reformação de algũas palavras que a gente vulgar usa & screve mal» (LRT 69v-71v), em que se incluem, além de algumas repetições, *cileiro*, *milhor* e *milhoria*, *tisouro* e as que figuram na errata de LRI, *pirigrinação* e *piriodos*. Nas formas rejeitadas projectam-se fenómenos originariamente diferentes: a evolução da vogal representada por <e> em hiato, no caso de *mialheiro*; a assimilação à palatal, em *milhor* e *milhoria*; a extensão para o nome, de fenómenos de inflexão vocálica que affectam o verbo, como em *vestir* – *visto* – *vistido*, *ferir* – *firo* – *firimento* e outras; mas o facto que engloba a maior parte das palavras é a assimilação da vogal átona representada por <e>, à vogal seguinte, tónica ou átona (*pirigrinação*, *piriodos*, *gimido*, *pillica*, *pilliteiro*, *pitição*, *pidinte*, *midida*, *mintira*). Só não se integram nos factos descritos *rindeiro*, *vindeiro*, *cileiro* e *tisouro* que podem contudo decorrer da expansão de uma tendência que é activada por circunstâncias particulares específicas e que, à excepção de *mealheiro*, *melhor* e *melhoria*, que reflectem fenómenos generalizados na linguagem oral, têm cariz popular. Em termos de geografia linguística, nada indica que a tendência seja geral. Não seria surpreendente que Leão, de origem alentejana, reproduzisse um traço já então, como hoje, próprio da sua região.

Não pode assim ser considerada provada a evolução geral do fone átono, representado por <e>, seja qual for a sua posição, para [i], como tem sido por vezes admitido (Paiva 2008: 203).

4 – <e> chamado mudo

A notação de <e> paragógico em cantigas líricas galego-portuguesas foi estudada por Celso Cunha (1982) que constatou a exclusividade do fenómeno depois de /l/ e /r/ - como na canção de Joan Zorro «El-rey de Portugale / barcas mandou lavrare» (246) - por exigências de carácter rítmico, e o relacionou com traços idiomáticos regionais do «Norte e Centro de Portugal» (261). O inventário do fenómeno por G. Massini-Cagliari no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* alarga a paragoge a /n/ (1998: 174) e corrobora o ponto de vista de C. Cunha de que «e paragógico é, de fato ‘um desenvolvimento da consoante anterior’» (Cunha 1998: 177).

É este o fenómeno que fornece a Barros o exemplo de «Paragoge»: «como se fáz nos rimãces antigos, que por fazerê cōsoante diziã, os que me soẽ *guardáre*, por *guardár*.» (BGR 34v 23-24)

Fenómenos de anaptixe junto de /l/ e /r/ são referidos por Williams (1975 :111), quer a vogal emergente seja *a*, como em *caronica* ou *e*, como em *fevera* e Nunes (1956: 156), que considera que as vogais acrescentadas são «em geral idênticas à que imediatamente as precede ou segue», como *marmelo*, *fevereiro* ou *coronica*.

Não obstante, os fenómenos documentados no CMQ que designamos de vivos, porque não são simples repercussões de fenómenos ocorridos no passado, dão-se apenas com a vogal representada por <e>, à excepção de uma ocorrência de *algaravio*, em Barros (7v 14), que corresponde ao esquema preferencial descrito por J.J.Nunes. C. Maia encontrou um caso de «anaptixe de *e* pretónico», *ferey* = *frey*, num documento português de 1419 (1986: 531) e, em documentos galegos dos séculos XV e XVI, várias ocorrências da 1ª pessoa do plural do infinitivo flexionado «em que a desinência número-pessoal vai precedida da vogal *e* », como *agardaremos*, *defenderemos* (1986: 757); formas deste tipo não ocorrem nos documentos portugueses estudados pela A. (1986: 758), que remete contudo para textos citados por Nunes (1956: 272, N.2), de Fr. Pantaleão de Aveiro e da *Regra de S. Bento*, onde o fenómeno ocorre também nas formas análogas do futuro do conjuntivo; assim, *tomaremos*, *veremos*, facto que o A. explica pela conservação da vogal das formas originárias do imperfeito do conjuntivo (1956: 300, N. 1), interpretação esta de que diverge F.

G. Gondar, que analisa o fenómeno no galego, e que considera que «a vogal e é de carácter paragógico» (Maia 1986: 759).

A hipótese da existência de uma vogal átona do tipo de [i] do português contemporâneo em *pesar* ou *face* é aventada por P. Teyssier em 1966, na escrita de Barros, com base em grafias como *letera* (*letra*), *leyes* (*leis*), ou *sereyes* (*sereis*) (1966: 189), mas não é retida na *História da Língua Portuguesa* (1982), em que situa o aparecimento do fone «na segunda metade do século XVIII» (Paiva 2008: 202-2003). A datação poderá ser recuada para o século XVII, como admite Marquilhas (2000: 261), com base em grafias como *outeras* (*outras*), *anderade* (*andrade*), *foremos* (*formos*) ou *martire* (*mártir*).

Passando ao exame directo do testemunho dos metalinguístas quinhentistas sobre a língua coeva, Oliveira faz menção, a propósito de palavras terminadas em <r>, de uma variante não generalizada, com vogal paragógica: «*alcaçer* por castelo o qual tem a penúltima grande, ainda que alghũs o pronũcião *alcacere. cõ .e. no cabo*» (OGR 36 5-6).

As práticas escriturais documentadas no CMQ, em que se encontram em variação formas que se opõem pela presença ou ausência de <e> configuram os conjuntos a seguir especificados:

1. Em Oliveira, em posição medial, depois de <r> e antes do sufixo número-pessoal *-mos*, na totalidade das formas da 1ª pessoa do plural do infinitivo flexionado e do futuro do conjuntivo: assim, as 2 ocs. do infinitivo flexionado (*daremos* e *teremos*) e as 20 ocs. do futuro do conjuntivo (*alcançaremos*, *dixeremos* (3 ocs.), *falaremos*, *ouveremos*, *foremos*, *meteremos*, *olharemos*, *poderemos* (3 ocs.), *poseremos* (2 ocs.), *quiseremos* (4 ocs.), *teveremos*, *trataremos*). Na 2ª pessoa do plural, só o futuro do conjuntivo está representado (5 ocs.), das quais só uma, de carácter metalinguístico, apresenta esse traço, como ilustração de uma forma hipotética originária da forma corrente do futuro, que resultaria da queda da vogal postónica: «Tambem somos amigos de cortar as vozes: onde se escrevem .l. ou .r. quando depois destas letras se avia d"escrever vogal como *syllba* por *syllaba*: & *fezertes* por *fezeredes* » (30 32 – 31 3).

2. Em posição final, nos nomes das letras mais directamente relacionadas com a paragoge de <e>, em Oliveira (*el*, *er* e *err* - 20 11), e Barros (*çle*, *çre*, *çrre* - 41r 3, 48r 16, 48r 18).

3. Em Barros, *letera* < LĪTTERA, que pode ser um latinismo: num total de 159 ocs. do lema, só 3 apresentam a forma *letra*, uma das quais, como exemplo de um tipo de «barbarismo», a «sincopa»: «como quando dizemos [...] *letra* por *letera*.» (34v 17-20); do mesmo modo, *leterado* (2 ocs).

4. Em Barros, após ditongo final e antes de <s>, em formas verbais de 2ª pessoa do plural: num total de 46 ocs., 40 são grafadas com <e> (86,95 %): indicativo presente: *amáyes* (2 ocs.), *folgayes* (1 oc.); imperfeito do indicativo: *amáveyes*, *lieyes*, *ouvieyes*, *ęreyes* (4 ocs.); mais-que-perfeito do indicativo: *amáreyes* (3 ocs.), *lereyes* (3 ocs.), *ouvireyes* (3 ocs), *foreyes* (3 ocs.) *tivęreyes* (4 ocs.); futuro do indicativo: *amareyes*, *lereyes* (2 ocs.); condicional: *amarieyes*, *lerieyes*, *ouvirieyes*, *serieyes* (4 ocs.); conjuntivo presente: *ameyes* (2 ocs.), *leáyes*, *ouçáyes* (2 ocs.), *sejáyes* (2 ocs.); imperfeito do conjuntivo: *amásseyes*, *lesseyes*, *ouvisseyes*, *fosseyes* (4 ocs.) Não contêm <e> 6 terminações (13, 04 %): indicativo presente : *quereis* (2 ocs.), futuro do indicativo: *avereis*, *ouvireis*, *sereis* (3 ocs.); conjuntivo presente: *leyaes* (1 oc.).

5. Em Barros, na terminação *-uye* da 3ª pessoa do indicativo dos verbos em *-uir*, no total das 6 ocs.: *concluye*, *destruye* (2 ocs.), *deminuye* / *diminuye* (3 ocs.).

6. Em Barros, a notação de plurais nominais por recurso a *-es*, em formas terminadas no singular por <y>: *leyes* alterna com *leis* (1 oc. cada uma), *reyes* (4 ocs.) com *reis* (1 oc.) e *páyes* apresenta uma ocorrência única, metalinguística, enquanto ilustração do plural de *páy*, do mesmo modo que *cõtray*, *contrayes*, nome de tecido. Se é certo que esse tipo de grafia pode ter sido influenciada pelo alomorfe de formação do plural em português, e pelo plural latino correspondente, a identidade entre essa terminação e as formas verbais referidas em 2. enfraquece essa hipótese, do mesmo modo que a grafia do numeral *seyes* < SEX (2 ocs.).

Nos três primeiros grupos, <e> ocorre em contexto com a vibrante simples e, no segundo grupo também com a lateral, prolongando, nas grafias do tipo de *daremos* = *dáremos*, grafias medievais anteriormente referidas. A hipótese de a letra representar o fone [e] acentua a distância entre estas variantes, excepcionais, e as variantes correntes sem <e>, enquanto a hipótese concorrente, a de a letra representar

[i], atenua as diferenças, que podem ser quase imperceptíveis. Embora possa haver diferenças importantes entre o vocalismo átono do português padrão contemporâneo e o do português quinhentista, a variação entre estas formas suscita a comparação com os resultados de testes perceptivos aplicados e descritos por R. Martins sobre pares caracterizados pela «presença / ausência» da vogal [ə] « nos grupos próprios de oclusiva + líquida», como *querer / crer, tabelado / tablado, perece / prece* (2002 : 176): «Dos 576 estímulos apresentados, 101 (17 %) foram substituídos pela palavra oposta » (2002: 180). Tendo em conta que os testes foram realizados em laboratório e que os testados foram estudantes universitários da Faculdade de Letras, em que o grau de consciência da existência de um fonema [i] cuja presença / ausência é distintiva, é amplificado pela sua inserção em pares mínimos e pela informação adquirida desde o início da alfabetização, compreende-se melhor que, quatro séculos atrás, a nível do discurso gramatical, tenha sido difícil identificar esse fone e conceituá-lo, distingui-lo de [e] e de [i] / [j] átonos e, como fez Oliveira, justificar a dificuldade da distinção invocando a proximidade entre essas vogais (Paiva 2008: 205-209).

Nos três últimos grupos, as sequências finais em que aos ditongos tónicos representados por <ay>, <ey> e <uy> se segue <e> suscitam a mesma pergunta, sendo que a articulação de [e] nestes contextos não pode deixar de ser considerada aberrante, enquanto a equivalência entre <e> e [i], se afigura compatível enquanto consequência de um fenómeno de paragoge; mas tal não é possível senão porque <e> tinha passado a representar [i], o fone mais semelhante ao prolongamento do fone anterior, e por isso não identificado; por outras palavras, a letra é, em sentido próprio, «muda». Em termos gerais, adequa-se-lhe, pelo menos em parte, o que A. Andrade considera próprio da vogal no português contemporâneo: « De entre todas as vogais, o ‘e mudo’ é indubitavelmente a mais instável, a mais sujeita a não ter manifestação fonética própria, o que levou à sua definição como um ‘chevá’ (schwa: e.g. Gonçalves Viana 1883)» (Andrade 1996: 303). As grafias apontadas em 6, como *leyes*, ainda que relacionadas com o alomorfe do plural, -es, são foneticamente tão estranhas como as anteriores, visto que afectam os mesmos ditongos. Quanto a *concluye* e afins (5),

ainda que <e> evoque a vogal final dos verbos em *-ir*, constitui, como nos casos anteriores um meio de prolongar o ditongo.

A representação de um fone que as grafias coevas habituais não registam acusa a influência da língua oral e sugere uma articulação particularmente lenta, o que confirmaria o juízo de Oliveira, é certo que formulado como uma das virtudes da língua portuguesa, de que «falamos com grande repouso como homens assentados» (5 2-3).

Do exame do conjunto das ocorrências ressalta a elevada frequência na associação entre conteúdos gramaticais e sequências gráficas que incluem este <e>, o que revela a estabilidade na relação entre o plano de conteúdo e o plano da grafia; o facto de esse reconhecimento se realizar no âmbito do verbo, campo extenso fortemente estruturado que favorece a captação de identidades, e o elevado grau de sistematicidade das grafias, que decorre do aspecto anterior, reforçam o valor comprovativo destas grafias. Deve ainda ter-se em conta que as formas de 2ª pessoa do plural reunidas em 4 figuram em percentagem muito elevada em paradigmas, a que corresponde tipicamente o grau máximo de consciência na escrita.

Consciência escassa, ou melhor, paraconsciência, como temos vindo a constatar, dadas as restrições de carácter heurístico (cf. Paiva 2005: 212) que se opõem ao reconhecimento desse elemento acústico nunca identificado por um sinal visual, vogal que é a que mais se parece com a inexistência de vogal, quer porque se confunde com o prolongamento de outra vogal ou semivogal, quer porque funciona como elemento de apoio a uma consoante; daí a variação que se estabelece entre <e> e um vazio gráfico, que por isso mesmo é informativo. Por isso Oliveira pôde escrever: «As letras consoantes aspiradas que são .ch. .lh. nh. não tem propria figura ainda até" gora: os nomes dellas são .che. lhe. nhe. os quaes sabidos são sabidas as pronúciações» 22 6-9). Ou seja, as escritas com <e> não representam nem [e], nem [i], mas sim [i], porque só assim «nome» e «pronúnciação» quase coincidem.

5 – Elevação de [o] átono

A elevação de [o] átono transparece em vários dos passos descritivos analisados (Paiva 2005: 207-214), é preconfigurada na direcção

convergente da variação <o> ~ <u> que desagua na língua quinhentista, cujo rumo a relatinização reforça tornando prevaletentes as variantes com <u> (cf. § 2.2.); finalmente é de esperar que do panorama variacional descrito emirjam efeitos valorativos e destes, os positivos incidam na articulação de <o> átono como [u]. É este quadro que o inventário das grafias do *CMQ* deve desenvolver. Na tipificação que estabelecemos a seguir, factos anteriormente referidos são incorporados sinteticamente numa perspectiva conclusiva e são aduzidos outros que os complementam ou se integram na exploração de pistas novas.

1. <o> arcaizante – Resultados etimológicos decorrentes da equivalência $\check{U} = <o>$, a conservação de grafias que não reflectem fenómenos fonéticos ou analógicos, originam, além de casos já relatados, outros factos de variação gráfica, em que subsistirá a variante com <u>, sendo que ou coexistiram as articulações [o] ~ [u], simétricas das grafias, ou a articulação de [u] precedeu a uniformização gráfica, de acordo com o característico atraso da grafia sobre a fonia. Assim, *fogir* ~ *fugir* < FŮGĚRE , de que há em Barros 2 ocs. não metalinguísticas de *fogir* (11r 23, 45v 15), a par de uma oc. de *fugir*, decorrente de inflexão vocálica em *fujo* e extensão analógica ao infinitivo e desencadeada pelo contexto («Compoêdo hum v̄rbo cõ outro dizemos mordefuje, de morder e *fugir*» - 9v 1-3). É ainda o caso de *logar* < LŮCĀLE-, que desde o português medieval alterna com *lugar* e que ilustra talvez uma tendência que remonta ao latim (C. Maia 1986: 406), de que há, em Barros 3 ocs. (BCAD 4 2, BGR 44R 16, BGR 44r 16), a par de 29 ocs. com <u>.

2. <u> inovador – Em palavras também documentadas no português medieval, resultantes de fenómenos assimilatórios ou analógicos e que será posteriormente substituído por formas restauradas: *custume*, *acustumamos*, *cubrir*, *cuberto*, *descuberto*, *encuberto*, anteriormente assinaladas, restauração que não atinge provavelmente o plano fónico, havendo assim continuidade parcial ou total entre a fase pré-relatinizante com variação entre [o] e [u] e a fase moderna e contemporânea, o que quer dizer que a <o> corresponde verosimilmente [u].

3. <u> - Em latinismos recentes ou em palavras cultas, em que pode contudo ter havido acção assimilatória da vogal da sílaba seguinte: *compustura* (B. 56v 2) a par de *compostura* (B: 3 ocs.); *intrudução* (B. 26r 11), a par de *introdução* (B. : 2 ocs.), *interlucuturia*, «emendada» por Leão para *interlocutoria* (LRT 70v 31), na «Reformação de algũas palavras que a gente vulgar usa & screve mal»; *Viturino*, o gramático latino (B. 40r 18, oc. única); *discurria* (B. 21r 12, oc. única). Também neste caso a restauração terá sido apenas gráfica, mantendo-se a articulação [u], como equivalente a <o>.

4. <u> + <m> heterossilábico ou homossilábico – Antes de <m> heterossilábico, num total de 479 ocorrências da palavra *como* em Oliveira, há uma ocorrência de *cumo* <QUÖMÖDÖ, lat. vg. QUOMO, que atesta a atonicidade da vogal: «& assi *cumo* os gregos tem isto» (35 28).

Em contexto com <m> homossilábico em representação da nasalidade, a variação está mais frequentemente atestada. Em Oliveira, num total de 254 ocs. do vocábulo, há 1 oc. de *cĩ*. A hipótese de se tratar de um latinismo involuntário neste defensor da vernaculidade é anulada pelo contexto: «til com .i. faz os nomes masculinos: como patim: & jardim & com .o. também como som & tom: *cĩ* .u. também sam masculinos: como hum, alghum, nenhum, & mais jejum & debrũ.» (65 27-29). É a contiguidade com <u> e palavras terminadas em «um» que desencadeia a forma, mas tal só é possível porque ela tem existência virtual, enquanto significante memorizado de usos orais com [u], relacionáveis com a variante *co* (22 ocs.), que apresenta desnasalação, e em que a vogal é, com elevada probabilidade, pelo menos em alguns contextos, [u]. *Corromper* < CORRŪMPĚRE apresenta <o> constante no total das 10 ocs. distribuídas regularmente ao longo do *corpus*, mas do adjectivo, as 2 ocs., em Barros, apresentam alternância: «e dizem que a lingua Hebræa, nam ę mais que Caldeu *corrupido*» (52r 19-20), «E ainda se póde crer, que estas vózes com antiguidade já devem ser *corrupidas*» (53v 14-15). Das 9 ocs. de *converter* < CONVĚRTĚRE (B: 5, LRT: 4), 8 são grafadas com <o>; a única que apresenta <u> figura em Barros, em alternância com <o>, em formas de infinitivo, usadas em definições: «Vęrbo autivo, ę aquelle que se póde *cĩverter* ao modo passivo» (18r 25-18v 1); «Vęrbo neutro (ę nós-

sa linguágẽ) será aquelle que se nã póde *cõverter* ao módo passivo» (18v 20-21).

5. <u> em derivados – A relação entre um lexema originário com <o> tónico ou átono e um lexema derivado com <u> átono constitui uma das confirmações mais claras da elevação da vogal.

«*Muella*» [«de ave»] é um das palavras incluídas na lista «Dos vocabulos que os Portugueses tem seus nativos» (LRI 107 19), embora a relação derivacional com *moer* não possa ser posta em dúvida.

Fugareiro é corrigido por *Fogareiro* (LRT 70v 26).

O carácter geral da redução da vogal é reconhecido por Leão, como uma regra de derivação, que não deixa no entanto de condenar: “E assi como dizemos *pomo*, diremos *pomar*, & não *pumar*, como muitos dizem.” (LRT 57v 13- 15).

No primeiro e terceiro caso, grafias com <u> estão documentadas em períodos anteriores: *muela*, no *Cancioneiro Geral* (Machado, 1990), 1516, *pumares* em documentos portugueses dos séc. XIV e XV (C. Maia 1986: 404). Quanto ao segundo, a palavra aparentada *fugueira* alterna com *fogueira* (1 oc. de cada uma), nos *Diálogos de São Gregório*, séc. XIV (Silva 1989:75).

6. <o> por <u>: a equivalência reconhecida e ultrapassada.

A grafia *continoa* = *continua*, 3ª pessoa do indicativo presente de *continuar*, que ocorre em Oliveira, anteriormente interpretada (Paiva 2008: 209-210), constitui, no *corpus* em análise, um caso não só único, mas aberrante, visto que [ú] é representado por <o>, mas por isso mesmo mais informativo porque, além do contexto, só uma equivalência generalizada entre <o> e [u] átono torna possível a ocorrência.

De facto, a redução de [o] átono tem como consequência o aumento da distância entre fonia e grafia, uma vez que a conservação das formas gráficas não é apenas o resultado da tendência ao imobilismo que caracteriza a escrita, mas praticar e promover uma escrita correcta é indissociável dos objectivos da *Gramática*, definida por Barros como «hũ módo çerto & justo de falár & escrever» (GR 2r 8-9); o conceito de «correcto», variável com os autores e o tempo, está longe de envolver, generalizada e coerentemente, a aproximação da realidade oral. Por isso, a interiorização da equivalência, em posição

átona de <o> a [u], necessária à leitura, tem como consequência que a imagem acústica virtual de que faz parte [u] átono, possa corresponder, no plano da escrita, <u>, como o atestam os pontos 2, 3, 4 e 5. Mas, ainda no plano da escrita, a estabilidade da equivalência tem também como consequência que, se [u] átono é representado por <u> e por <o>, a par de nexos associativos no âmbito do léxico e da gramática mais ou menos fortemente actuantes, só a memorização das formas gráficas permite adoptar a forma gráfica baseada no uso. Daí que sejam fortemente informativas grafias correntemente designadas de hipercorrectas e que são na realidade decorrentes do reconhecimento de uma regra não universal, a equivalência entre [u] átono e <o>, e da aplicação dessa regra para além dos limites determinados diacronicamente e fixados na sincronia coeva de quem escreve.

Curioso <CŪRIŌSUS> apresenta o resultado regular [u], visto que proveniente de Ū, e como tal é grafado em 5 das 6 ocs. do vocábulo. A ocorrência restante, *coriōsos*, figura em Barros (26r 10), alternando com *curiōsos* (57v 4) e prolongando um uso documentado na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285), em manuscrito do séc. XV (Machado 1990).

Paralelamente, o vocábulo só usado por Barros, *curiosidade* <CŪRIŌSITAS>, apresenta regularmente <u> em 3 das 4 ocorrências, sendo a restante *coriosidādes* (4v 24). O vocábulo está documentado com <u> nos *Inéditos de Alcobaça* (Machado 1990), séc. XIV-XV.

Difícilmente alguma grafia poderá ser mais esclarecedora do que a do derivado de *curto*, *corteza*, que ocorre em LRI - «E nós por *corteza* da lingua a tudo chamamos emprestar» (42 7) e é corrigido, na «Errata», para *curteza*.

Como consequência da convergência em <u> de diversos factos, às vezes não é possível saber se o uso de <o> por <u> é um fenómeno deste tipo ou se resulta da equivalência ū > <o>, posteriormente substituído por <u>. Assim *guloso* <GŪLŌSUS>, forma culta documentada em Gil Vicente como *golloso* (Machado 1990), mas cuja ocorrência em LRI (46 13), pode ilustrar antes a equivalência entre <o> e [u], hipótese que recebe apoio na relação com *gula* <GŪLA>, documentada no séc. XIV (Cunha 1996).

Fogir pode ser também uma sobrevivência da forma proveniente de FŪĜĚRE anteriormente referida e ainda grafada com <o> ou a

representação de [u] por <o>, que Leão considera inadequada, visto que na lista «Reformação de algũas palavras que a gente vulgar usa & escreve mal» (LRI 70 22) preconiza a forma grafada com <u>, o que indica que o *bom uso* está desse lado.

Se, em aparente contradição, na mesma lista, Leão coloca *mulher* (71r 14) na coluna das palavras «erradas» e *molher* na das «emendadas» (única ocorrência com <u> dum vocábulo grafado com <o> nas restantes 25 ocs. do CMQ), é porque a inclui na continuidade das grafias em que se projectou a equivalência Ũ > <o>; a grafia com <u> é contudo um forte indício da redução da átona, reputada característica da «gente vulgar», como nos anteriormente citados *fugareiro* (LRT 70v 26), e *pumar* (LRT 57v 14) «como muitos dizem» em que Leão reconhece uma tendência generalizada que não deixa contudo de condenar.

6 – Conclusão

Os factos assinalados, conhecidos através da descrição, das práticas escriturais e de juízos normativos, revelam que a dinâmica geralmente situada nos séculos XVII e XVIII está em curso no séc. XVI.

O grau de generalização da redução de [e] átono a [i] e de [o] átono a [u] pode ser avaliado pela projecção destes fenómenos nas práticas escriturais não só de Oliveira, arguto observador do momento linguístico presente que valoriza na sua genuinidade, mas também de João de Barros, conservador, arcaizante e já propulsor da vaga relatinizante; a diferença de meios sociais a que pertencem comprova que não se trata já de variação confinada aos limites de grupos sociais. Finalmente, a projecção, 30 e 60 anos depois, na obra de Leão, da redução de [o] átono a [u], revela que o fenómeno desencadeia reacções de tipo normativo, o que, embora inerente à atitude do Autor, traduz uma reacção consciente à variante inovadora. Tanto no caso da elevação de [e] como na de [o] átonos, textos menos marcados pela normatividade inerente a gramáticas e ortografias podem ser mais informativos. Não obstante, a elevação de [o], mais facilmente detectável que a de [e], descreve um percurso que, analisado ao longo de um tempo extenso, confirma, no essencial, as fases e os factores condicionantes da expansão da mudança descritos por Labov

(1984: 178-80): a variação [o] ~ [u] dependente do contexto fonético, largamente documentada no português medieval e já orientada para a prevalência de [u], que fenómenos de analogia expandem, recebe, no século XVI, o influxo de outra corrente de origem culta que, acentuando a semelhança entre o português e o latim, por um lado reconduz grafias variáveis com <o> ~ <u> a um <o> etimológico muito provavelmente já representativo de [u] e por outro lado, ao estabelecer a equivalência Ū = <u> provoca num primeiro momento a intensificação da variação que, num segundo momento se reduz pela frequência crescente de <u>, que tende a tornar-se exclusivo. A expansão das variantes com <u>, que tem na origem um juízo de valor positivo e a prevalência dessas variantes que marcam usos prestigiantes, conflui na variação ancestral, favorecendo as variantes com <u>, anteriormente neutras ou conotadas negativamente.

REFERÊNCIAS

- Ali, M. S. 1966. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos.
- Andrade, A. 1996. Reflexões sobre o 'E mudo' em português. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: Edições Colibri, II, 303-344.
- Cunha, A. G. da. 1980. *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença.
- Cunha, A. G. da. 1996. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed., reimp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Cunha, C. F. da. 1982. Sobre o eparagógico na épica e na lírica. *Estudos de Versificação Portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris: Centro Cultural Português.
- Labov, W. 1984. *Sociolinguistic Patterns*. 3ª ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [1ªed.: 1972].
- Machado, J. P. 1990. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Maia, C. de A. 1986. *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: INIC.
- Marquilhas, R. 2000. *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Mateus, M. H. M.; Martins, M. R. D. 2002. Contribuição para o estudo das vogais átonas [ə] e [u] no português europeu. *Biblos*. **LVIII**: 111-128. Reproduzido em: Martins, M. R. D. 2002. *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Caminho, 169-186.

- Massini-Cagliari, G. 1999. A paragoge rítmica na lírica profana galego-portuguesa. *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (1998)*. Lisboa: Colibri/APL. II, 169-182.
- Nunes, J. J. 1956. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora [1ª ed.:1919].
- Paiva, M. H. 2002. *Os Gramáticos Portugueses Quinhentistas e a Fixação do Padrão Linguístico. Contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*. Vol. I: *Objecto e Método*; Vol. II: *Pré-edições*; Vol. III: *Índice Geral de Vocábulos, Índices Alfabéticos de Formas de Outras Línguas*; Vol. IV: *Conclusões*. Dissertação de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Paiva, M. H. 2008. A descrição do vocalismo átono quinhentista: linhas e entrelinhas nos textos metalinguísticos coevos. *Linguística*. **3(1)**: 197-221.
- Paiva, M. H. No prelo [Fernando Oliveira] *A língua da Gramática à luz do outros textos*. In: C. Morais (Org.) Fernando Oliveira, *Um Humanista Genial*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Silva, R. V. M. e 1989. *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Teyssier, P. 1966. La prononciation des voyelles portugaises au XVI siècle d'après le système orthographique de João de Barros». *Annali* [Nápoles: Istituto Universitario Orientale]. **VII(1)**: 127-198.
- Teyssier, P. 1982. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa [1ª ed. francesa: Paris: P.U.F., 1980]
- Williams, E. B. 1975. *Do Latim ao Português*. Trad. 3ª ed.: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro [1ª ed ingl.: 1938].

Descrição do corpus

Primeira sincronia (tratada exaustivamente)

1. Fernão d'Oliveira

Grammatica da linguagem portuguesa (1536) – (OGR)....23 538 oc.....35,7 %

2. João de Barros

Texto contínuo da “*Cartinha*” (1539) – (BCA)

Grammatica da lingua portuguesa (1540) – (BGR)

Diálogo em louvor da nossa linguagem” (1540) – (BDL) ...24 549 oc.....37,3 %

Total da primeira sincronia48 087 oc.....73,1%

Segunda sincronia (tratada por amostra aleatória de ¼ de cada texto)

3. Pêro de Magalhães de Gândavo

Regras que ensinam a maneira de escrever e

Orthographia da lingua Portuguesa [...] (1574) – (GRE)

“*Dialogo em defesaõ da lingua Portuguesa*” (1574) – (GDD)... 2 097 oc.....3,1 %

4. Duarte Nunes de Leão

Orthographia da Lingoa Portuguesa (1576) – (LRT).....8 698 oc.3,5 %

5. Duarte Nunes de Leão

Origem da Lingoa Portuguesa (1606) – (LRI) 6 684 oc....10,1 %

Total da segunda sincronia17 679 oc.26,8%

Total do corpus65 766 oc.

Nota – As citações das obras constantes do CMQ, são transcritas de acordo com as pré-edições, aligeirando-se os critérios então retidos (Paiva, 2002, I, p. 70-79). As principais alterações são as seguintes: 1) uso de <i> e <u>, <j> e <v> de acordo com as convenções gráficas actuais; 2) substituição de <ç> por <c> antes de <e> e <i>; 3) substituição de *s longo* por *s de dupla curva*, mas conservação da sua função de demarcação da palavra; 4) introdução de acentos gráficos apenas quanto estes são indispensáveis à inteligibilidade do texto, casos em que a vogal alterada aparece em itálico; 5) A abreviatura que pode ser dobrada como *pera* ou *para*, variantes que alternam em Oliveira, é representada como p^a. De entre os traços originários conservados, destaco: 1) o uso do til, generalizadamente considerado explicitamente pelos vários gramáticos-ortógrafos como símbolo da nasalidade das vogais, mais adequado do que <m> e <n>, letras que representam propriamente consoantes; 2) a geral conservação da palavra gráfica, sendo a alteração das delimitações originárias assinalada pelas convenções seguintes: [] – reunião de formas separadas: *a][proveitão*;][- separação de formas reunidas: *o][qual*; " - separação de formas reunidas quando há elisão: *d"agua*»; 3) a geral não intervenção em matéria de pontuação.